



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

26 de Maio de 2007 • Ano LXIV • N.º 1649
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



Dia da Mãe

DESTE dia, nunca será despropositado falar, nem demais dele se dirá.

Logo no mês de Maio! A beleza natural que o emoldura, a marca indizível do perfume pascal que no tado dele se ressent, o Nome de Maria e tuda a que em Fátima se diz e experimenta, são aromas da mesma substância; desse Nome que, de tão parecido com o de Deus, quase se torna inamável. Mãe, nome sublime que tanta qualifica a nosso quotidiano e enriquece a nossa memória.

Nunca será demais dizer da Mãe, neste mundo, quando temos, por certo, que no Outra dirá Ela tudo de nós, de forma inaudita.

Dizer da mãe «progenitora», é um retrocesso humano, um apelativo desqualificante, uma cedência à lógica do sistema, uma profanação, em suma. Também, uma infeliz constatação, qual aragem gélida a atravessar o coração da nossa sociedade, desta Europa, principalmente.

Há dias, um dos nossos, lá, do outro lado da linha: «morreu a minha santa mãe», como saboreámos esta comunicação tão sublime e piedosa na hora derradeira.

Nós, Obra da Rua, somos também, por causa da mãe, sempre e de forma positiva. Pai Américo foi o aítavo filha de Teresa Ferreira, a mais novo de uma mãe experimentada na arte de acolher o dom da vida. Dom que Pai Américo saboreou coma filho «benjamim» e o fez crescer e tornar Padre-Pai enchendo-a de encanto e surpresa.

Pai que expressou em tantas circunstâncias da sua vida e apostolado, o amor materno e apaixonado de Deus. Um tal amor, que deixou sempre a dever «meças» a sua mãe, o lastro que irradiou na sua vida e na sua obra, reconhecidamente.

Taca-nos de muito perto esta circunstância e este dia que nunca passa com o folhear do calendário. Nós experimentamos, num confronto existencial e permanente, os efeitos da ausência da mãe. A vida afectiva de cada um e de todos tão marcada, a

Continua na página 3

Moçambique

Eram náufragos

NO contexto subjectivo dos Rapazes que recebemos, há um mundo de problemas tão marcantes que podemos dizer: — eram náufragos a quem estendemos uma tábua de salvação. Neste caso, a mão amiga e generosa que os abraça e beija, com a graça que Deus nos concedeu, talvez, pela primeira vez. Uns florescem em sorrisos depressa, se mais pequeninos, outros, de olhos perdidos, desacreditando do que lhes está a acontecer. Há os que se conservam assim até passar a adolescência, aprendendo e integrando-se no ambiente da Casa, mas sempre fechados, quando não mesmo indiferentes. Outros são turbulentos que reagem com violência a qualquer provocação dos companheiros. Demoram a adaptar-se. Como queremos que mantenham todo o laço familiar, recorremos à ajuda do tio ou avó ou de quem conheça bem o meio donde vieram e temos de nos sentar a falar diante deles. Tem acontecido alguns serem de muito longe, e temos casos até da Zambézia e de Sofala, há que pedir a alguém muito capaz que os acompanhe à descoberta, no local, de alguém que os conheceu. Por vezes, até aparece o pai, definhado pelo álcool, vivendo também abandonado. O Moçambique, fora das cidades, é muito caótico e há-de permanecer abandonado, por mais reportagens que o exponham aos olhos do mundo.

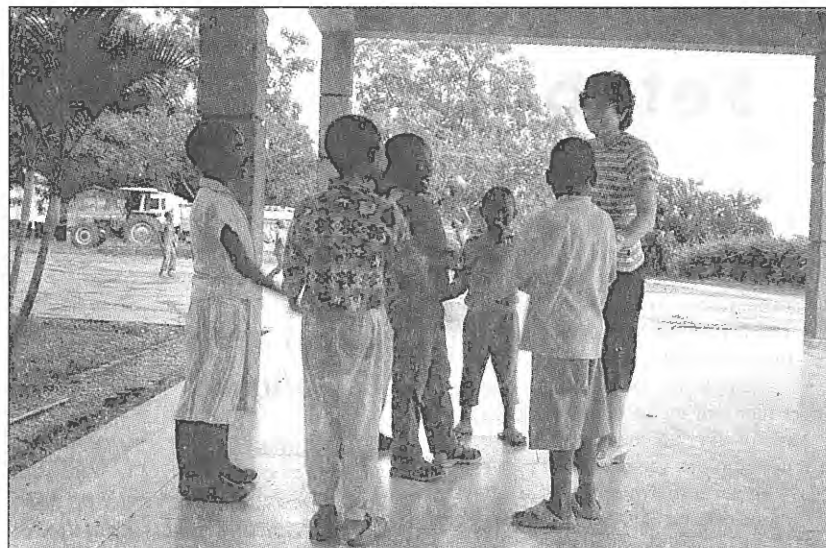
Com vistas no Turismo, como forma de desenvolvimento, há muitas áreas de protecção à natureza em que, pela natureza das coisas, os habitantes dispersos ficam em larga desvantagem.

Ora, os nossos Rapazes, na sua maioria, vieram ao mundo em ambientes familiares e sociais desvantajosos para o nascer de uma criança. Os Direitos da Criança são para que se saibam e não para serem aplicados. Quanto gastamos na roda do mês com a sua recuperação física e mental! Que trabalhos temos com aqueles que, por tão marcados, vivemos uma angústia maior que a deles, por não podermos dar-lhes uma alma nova. Que profundidade abissal

tem a deles que não descortinamos os recessos onde está o mal. Eles sofrem e nós sofremos até que haja comunhão no sofrimento. Bem chamou Pai Américo «*Santuário de almas*» às nossas Casas do Gaiato.

No primeiro ano que chegámos, encontrei um busto muito, sugestivo, de um menino da rua, feito em barro. Fiquei com os olhos nele. E, quando voltei à cidade trouxe-o e tem-se mantido a um cantinho da nossa Capela familiar, de modo que, quando celebro, à noite, o tenho diante de mim, já que a Cruz do Altar fica nas costas. Ando a pensar, há muito, levá-lo para a Capela grande e colocá-lo no plinto de pedra, que está vazio, à esquerda do Altar. No outro, mais alto, à direita, está uma sugestiva Nossa Senhora de mão estendida. Não tenho dúvidas que muitos deles são verdadeiros mártires duma sociedade que os abortou.

Padre José Maria



Setúbal

Construção da própria família

HÁ quem nos critique por não termos, dentro de Casa, técnicos nas áreas sociais, dos comportamentos humanos e da condução de vida dos mais novos. São atitudes que vêm de determinado sector, que tem as suas qualificações e competências, mas que desconhece o contexto em que se desenrola a nossa vida.

Pai Américo dizia que «técnico é aquele que ama». Isto é o mesmo que dizer que aquele que encontra importância no Outro, e isto o faz esquecer-se de si mesmo para se dar por Ele, esse faz-se técnico, não em todas as especialidades, mas na fundamental que é o amor.

Possuidor desta capacidade, fica aberto para recorrer, quando necessário, à ajuda dos qualificados como Técnicos, formados para actuar na área da sua especialidade. A estes falta-lhes o fundamental para criar e educar, que é a disponibilidade para acompanhar, em todo o tempo, aqueles para os quais orientam a sua vida profissional.

O Rapaz, entre nós, ocupa um lugar que não pode ser dispensado, porque não há quem seja capaz de o substituir. Tarefas há, numa Comunidade como a nossa, que ninguém faz igual ou melhor do que o Rapaz.

Todos têm o seu lugar, mas nem todos os lugares são bem ocupados por todos.

Por isso, deve dar-se ao Rapaz a possibilidade de realizar as suas potencialidades, principalmente naquilo que ele faz melhor que os outros.

Não nos faltam situações em que verificamos esta verdade. Da sabedoria inata, empatia, do seu bom carácter, resulta uma compreensão no Rapaz para com os seus pares que traz mais harmonia e conjugação de esforços favoráveis ao crescimento.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

NOVAS OPORTUNIDADES — «Em recente Assembleia Plenária da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), realizada em Fátima, foi abordada a possibilidade de a Igreja promover 'novos Ministérios para Leigos', em áreas como o acolhimento, visita a doentes, acção social e saúde. Para o efeito, a CEP, aprovou já um documento prévio intitulado 'Formação de Leigos: ministério, serviço, escolas — experiências, meios, conteúdos'.

Trata-se de uma inovação importante e que, a nosso ver, pode ajudar a dinamizar as nossas comunidades locais e despertar os diversos movimentos envolvidos nessa problemática para as realidades novas que se apresentam.

A S.S.V.P., através das Conferências implantadas localmente, há muito que se vem empenhando nesses ministérios, assumindo mesmo paroquialmente a coordenação dos mesmos. Contudo, devem as Conferências Vicentinas aproveitar esta oportunidade, para alargarem o leque das suas intervenções, assumindo até a dinamização destes projectos, agora abordados pelos Bispos de Portugal.

A Pastoral agora equacionada não é indiferente aos vicentinos; há muito que a vivem e a praticam. O acolhimento dos mais humildes e o contacto regular com os doentes e os idosos, passando pela intervenção social nos mais diversos domínios, é a prática regular das nossas Conferências e os Vicentinos têm um potencial de experiência bem enraizada nas suas vidas, que muito útil pode ser à prossecução dos projectos em estudo.

É importante aproveitar essa experiência, mas é importante também que os Vicentinos e a S.S.V.P., ao mais alto nível, não descurem esta oportunidade formando e informando todos quantos possam envolver-se em novas respostas colaborando em novos projectos e despertando para a nova realidade sociológica a que a Igreja nos chama, na qual todos nos devemos empenhar, em razão do ideal e da fé que nos anima, para servir.

É, pois, uma oportunidade que não devemos subestimar. Aproveitemo-la fazendo a leitura da história e da sociedade que nos envolve, como fizeram Vicente de Paulo e Ozanam.

M.C.G.»

PARTILHA — O assinante 9790, presente com 100 euros. «E votos de muitas graças ao Senhor para os membros da Conferência. Junto segue ajuda em cheque. Tomo a liberdade de pedir uma Oração por intenção particular. Bem-hajam por tudo».

Assinante 3740, do Porto. «Cheque de 100 euros. Os portugueses são muito católicos e pouco cristãos. Há paróquias seladas de amor...»

Assinante 32217, de Vancouver — Canadá: «Aqui vai esta ajuda, de 120 euros, para ser repartida por quem necessita. Desculpem o engano que vai no cheque, mas tenho falta de saúde e de vista que já não é muita».

Os Pobres são muito gratos. Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



MIRANDA DO CORVO — Casamento da Marta e do Ricardo («Dino»), em 21-04-2007.

Paço de Sousa

ELEIÇÃO DO CHEFE MAIORAL — Na nossa Aldeia, de Paço de Sousa, existem várias casas onde vivem os nossos Rapazes. Para manter a ordem e a disciplina são necessários chefes que se respeitem e a quem respeitar. Assim, numa linda manhã de sábado, durante as férias escolares da Páscoa, o nosso Padre João convocou todos os Rapazes com mais de 15 anos de idade, para a eleição do chefe maior, que decorreu no salão de festas da nossa Casa.

Numa pequena palestra, o nosso Padre João explicou as funções do chefe maior e o perfil indicado do Rapaz para exercer essas funções: — um Rapaz idóneo, com sentido de justiça e oportunidade para agir.

Dos Rapazes propostos, foi eleito, como chefe maior, o Cláudio («Bolinhas»), ficando o Nuno («Almeidinha») como sub-chefe.

O «Bolinhas» tem 18 anos, está na Casa do Gaiato há 10 anos e frequenta o 9.º ano num curso de pastelaria.

O «Almeidinha» tem 23 anos, está na nossa Casa há 17. Estuda numa Universidade onde frequenta o último ano do Curso de Nutricionismo.

Esta eleição realiza-se anualmente. Aos novos chefes desejamos as maiores felicidades e um bom desempenho das suas funções.

Carlos («Vimoso»)

DESPORTO — «Não há quem as diga, que não as colha!» Desta vez recebemos os Juniores do Antas Futebol Clube, um dos clubes da A. F. Braga. E, em abono da verdade, não estivemos bem. Não porque tivesse acontecido algo que não seja próprio do futebol! Mas para quem tinha o desafio controlado e a ganhar desde os primeiros minutos, não havia necessidade de impor tanta dureza no jogo. Não estivemos bem! Muita falta de coerência e de preponderância. Dizia eu na última crónica, em relação à postura de alguns dos nossos adversários — que ninguém julgasse que nós éramos «santinhos», e não somos! — mas também não gosto, nem é simpático da nossa parte, fazer o papel de quem tem um «rei na barriga», e o «resto é paisagem». Ser humilde, não

humilha ninguém; ser obediente, não quer dizer que se seja subserviente; ser coerente, compreensivo e tolerante, é uma grande prova de capacidade, de inteligência e de maturidade... Se eu pudesse comprar alquetes invisíveis, às vezes comprava alguns! Esta gente adiou o jogo que tinha no seu campeonato, e veio até nossa Casa. Diz o ditado: «quem com ferros mata, com ferros morre!» Agora, se Deus quiser, vamos a casa deles... Gente maravilhosa, mas que não deixa de ser de carne e osso como nós! Não pudemos e não devemos fazer/dizer aos outros, aquilo que não queremos que nos façam/digam a nós. Quando não temos razão, não temos!

Com golos de Agostinho, «Bolinhas», Serafim e Ilídio, contra um do Antas F. C., fixou-se o resultado final.

Uma semana depois, foi a vez de sermos visitados pelo Futebol Clube de Lagares. Uma equipa recheada de valores jovens, que ofereceram alguma resistência, sobretudo na primeira parte. No entanto, à medida que o tempo ia passando, as forças e a possibilidade de ganhar... ia ficando para trás. Neste jogo, deixámos fora da lista dos convocados, quase todos os titulares e mesmo assim, com golos de: Abílio (1), Joel (2), Joaquina (2), Patrick (1), André «Garnisé» (1), «Bolinhas» (2) e Agostinho (3), sem que o adversário mandasse o António Pedro às «compras», registou-se mais um resultado, pouco comum nos tempos de hoje. Só o Grupo Desportivo da Casa do Gaiato de Paço de Sousa!

Alberto («Resende»)

Setúbal

RAPAZ NOVO — Veio para nossa Casa um novo Rapaz chamado Diogo. Tem 4 anos de idade, mas revela uma educação um pouco atrasada, pois não sabe falar, em comparação com o Tiago que tem a mesma idade e está mais avançado.

É um rapaz que não pára sossegado e não tem medo de nada, pois no primeiro dia que chegou, meteu-se, logo, no meio das vacas.

Esperamos que ele se dê bem no meio dos nossos Rapazes, pois carinho não lhe falta.

CAMPO — Temos quase um silo cheio de cevada e acabando de o encher, aproveitaremos a cevada que sobrar para fazermos fardos de palha. O ano passado fizemos cerca de 1200 fardos, este ano esperamos fazer mais uns tantos. A nossa batata velha, que plantámos há uns meses, já está boa para a colheita. Vamos a ver o que vai dar a batata este ano.

VACARIA — Continuam a nascer vitelinhos. É sempre uma alegria muito grande quando nasce algum vitelo. Este é fruto do trabalho dos Rapazes que cuidam da vacaria. Morreu-nos uma vaca leiteira, pois já tinha uma certa idade. É assim o ciclo da vida: uns nascem, outros morrem. Esperamos que esta época de reprodução continue.

Correspondência dos Leitores

Confiança

«Com esta oferta, saída do coração e com alegria para ajudar naquilo que for mais urgente. Peça a Deus que lhes dê sempre força para continuarem na mesma linha do Pai Américo a quem tanto admiro e por ele e vossas orações, confio o meu filho que está sem trabalho e me preocupa muito. Foi esta oferta fruto de algum trabalho que arranjou, mas, neste momento, está outra vez sem trabalhar.

Deus vai ouvir-nos, confio. Deus é Amor.

Assinante 49809».

Lições reais e profundas

«Junto pequena importância para a assinatura d'O GAIATO. É lido por mim, em pormenor, pois as suas páginas retratam lições

CASA — Estamos com obras na nossa «eira». Esta servia, ultimamente, para os Rapazes jogarem a bola, mas, agora, como já temos o nosso campo de jogos, vamos aproveitar aquele espaço para outros fins.

Gualberto

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Andamos a arrancar a erva da batata e a pôr adubo. Também andamos a schar o milho, o cebolo, a cenoura e a pôr as canas no feijão. Como tem estado muito calor, este trabalho tem sido um pouco difícil, mas nada que não se consiga fazer!

ANIMAIS — Os dois primeiros «gansinhos» que já tinham nascido, acabaram por morrer. Entretanto, nasceram mais seis «gansinhos». Esparemos que, desta vez, não morra nenhum. Temos ainda mais três gansos a chocar ovos. Isto quer dizer que, dentro de pouco tempo, teremos mais «gansinhos».

A nossa gaiola dos pássaros tem mais duas rolas que vieram aqui parar e que um dos nossos rapazes (o Quim) apanhou.

ESCOLA — No dia 9 de Maio de 2007, a nossa turma, dos Alternativos do 7.º ano, fez uma visita de Estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa, com todos os nossos professores. Assistimos ao espectáculo dos leões-marinhos, dos golfinhos e das aves de rapina. Também andámos de teleférico. Claro que vimos todos os animais que lá existem.

Foi um dia muito divertido!

Gaiatos do Alternativo

reais e profundas do mundo contemporâneo!

Tal como a Estrela de Belém, onde chega, ilumina e desperta os corações adormecidos!

As maiores felicidades para todas as crianças e jovens.

Assinante 55936».

Vocações

«Peço a Deus que mande vocações para a vossa Obra, pois sei que tanto Padres como Mães vos faltam. Mas também sei que Deus não dorme... A Paz e a Coragem para continuarem e a promessa da minha humilde oração.

Assinante 20046».

Apreço pel'O GAIATO

«Antes de mais peço desculpa pelo meu atraso no pagamento

Setúbal

Continuação da página 1

Aliás, nas famílias com um filho, são geralmente apontadas as lacunas que resultam da falta de convivência com irmãos que não existem.

É verdade que os nossos são irmãos. Dou-me conta, não raras vezes, das atitudes fraternas que existem entre eles, trazendo à memória outras semelhantes que

verifiquei em contextos familiares passados.

Não se pode tirar ao Rapaz o gosto de viver em família, gosto este que ele nunca esquece e sempre deseja. E se a voz do sangue nós não podemos substituir, podemos dar-lhe uma família em que crescerá e que ficará para o resto da vida como uma referência para a construção da sua própria família.

Se há alguma crise com que nos debatamos nesta linha de serviço à Comunidade, será a que deriva do ambiente social em que nos movemos. Amar, no contexto da nossa

sociedade, significa, geralmente, buscar-se a si mesmo, procurar a própria satisfação. Ora o amor como serviço ao Outro, por via dessa mentalidade, fica em crise, e desvalorizado.

Os nossos não podem deixar de ser influenciados por esse espírito e disso resultar, aqui e ali, menos disponibilidade para o serviço da Comunidade, no qual está baseada a sua constituição e vida.

Mas enquanto existir amor, existirá vida e, para os sem-família, a oportunidade de a encontrar e construir.

Padre Júlio



Novo encontro de família

PÁSCOA feliz no centro da Europa, além fronteiras, França, Bélgica e Luxemburgo.

A distância não nos separa.

Nem para além dos muros da Casa do Gaiato, o sentido de família se perde. («Fazer de cada Rapaz um Homem»).

O encontro de irmãos. Cada um com sua família, constituída por eles, esposa e filhos que compreendem as nossas emoções.

Senti a sua alegria quando nos telefonou, aqui, para o Luxemburgo, a desejar feliz Páscoa a todos nós que estávamos em confraternização.

Para lhe retribuir a sua lembrança, aqui vai um quadro deste nosso encontro, tão importante para nós, e

espero que se repita mais vezes. Pois foi a melhor Páscoa que nós fizemos uns aos outros, e recordámo-nos, assim, bons momentos passados na Casa do Gaiato.

Vai também uma foto de grupo, com um casal amigo, do país de acolhimento (luxemburguês), que partilhou connosco o Domingo de Páscoa e que ficou ansioso por conhecer a Casa que nos acolheu e a sua pedagogia. Talvez neste Verão.

Um grande abraço do Nave, beijinhos da Belinha, Ulysses, Emanuel e Mélodie.

Da parte do Shéu, Virgínia, Salomé e Pedro.

Da parte do «Vitinho», Sónia e Jeyson.

E até breve.

Nave, Sheu e («Vitinho»)

d'O GAIATO e uma vez mais gostava de lembrar o apreço que tenho pelo mesmo. É muito bom receber um Jornal que tanto nos dá. Continuem com a ajuda de Deus e as minhas pobres orações.

Assinante 74574.

Parabéns

«É sempre agradável dar parabéns. O vosso Jornal merece pela autenticidade e forma simples e humilde.

Partilhamos dos vossos anseios e trabalhos e toda a dedicação que prestais aos mais desfavorecidos; e são muitos.

Enviamos uma pequena ajuda para minorar as dificuldades que são reais.

Assinante 76671.

Viúva

«Sou viúva há mais de 30 anos e com a minha idade, 89 anos, tenho sofrido muito, não tenho

cabeça para resolver a minha vida como devia ser.

É sempre com muito gosto que leio O GAIATO. Tenham Deus e sua Mãe Maria Santíssima presentes em todos os momentos da vida.

Assinante 42919.

Ressonância

«Segue, pelo correio, um vale para ajuda dos trabalhos de Benguela, pois li n'O GAIATO que o senhor Padre Manuel António anda aflito com grandes necessidades urgentes daquela pobre gente. (...) Uma parte é minha e outra duma assinante como eu. Sou pobre, doente e de idade, mas é oferecido do coração.

Deus permita haja mais corações generosos para ajudar estas grandes necessidades dos nossos irmãos em Cristo que tanto precisam.

Que Deus Nosso Senhor os ajude e lhes dê saúde e os abençoe.

Assinante 29565.

A Verdade e o Bem

«(...) Quanto mais belas são as coisas, mais desejadas. A vossa Obra é uma beleza incomparável, conheço-a perfeitamente, há muitos anos, e porque é tão bela...

(...) Que triste realidade se vive no nosso País! Quando chegará alguém ao Governo com o coração cheio de amor e olhos verdadeiros? Para poder amar e ver como se vive nas vossas Casas.

(...) A vossa dedicação tem tirado centenas de jovens da triste desgraça da rua. Nada é mais forte do que a Verdade e o Bem.

Assinante 47490.

Octogenária

«Que Deus os ajude para poderem continuar. É com muita emoção que lhes escrevo e dificuldade; talvez pela minha longa idade. Em Dezembro completei 83 anos. A vista e a memória já não me ajudam muito, mas quero dizer que não consigo ler O GAIATO

Dia da Mãe

Continuação da página 1

motivação escolar, o seu êxito ou fracasso, a apatia em relação ao futuro, a própria consciência de si e de Deus como fonte de responsabilidade, de amor e de plenitude: quanto deserto, quanta aridez.

Por isso, dizer da Mãe é dizer sempre do melhor e do mais que o mundo precisa. Melhor mesmo que ela, só Deus. Por causa desta ausência anda o nosso mundo tão órfão de um e de outro amor.

Padre João

DOCTRINA

Acusamos



DESDE que me tomaram à conta de mestre, não tenho outro remédio senão fazer doutrina. Ora vamos lá. Um destes dias, estava uma camioneta de repolhos a descarregar à porta do Mercado do Anjo que diz para a Relação. Eu passava e observei. Era um monte de repolhos por aí acima. De bombordo, descarregavam uns homens para dentro de cestos. A estibordo, era uma manada de garotos a fazerem o mesmo, só que, em vez de conduzir a hortaliça para o Mercado, passavam a outros garotos, os quais fugiam cada um com seu repolho! Eu não estava ali sozinho nem eram horas mortas. A multidão passava, mas não fazia caso. Parece que é costume fazerem os garotos as suas provisões à porta dos mercados e por aquela maneira. O Povo acha-lhes graça, encobre e, desta sorte, todos nós concorremos para a formatura dos cadastrados. Aquele ser perigoso que hoje toda a gente teme, começou por furtos pequeninos. Coisas pequeninas. Caminho da perfeição...!

ELE há muita gente que cuida ser a elevação moral de um Povo obra de meia dúzia; e não é assim. Toda a Comunidade é chamada às armas. Que pode fazer a Casa do Gaiato sozinha? Somente encarecer esta verdade. Nós somos uma testemunha de acusação da ignorância culpada dos homens de todas as categorias sociais, em primeiro lugar os mais inteligentes e influentes. Acusamo-los de pretender ignorar a riqueza espiritual de cada uma das crianças que furtam repolhos das camionetas, à entrada dos mercados. Acusamos, sim, porque somos também testemunha, dentro das nossas Casas, do mal que em si trazem os pequeninos gatunos. Peixe nas praias, frutas nas vendedeiras, hortaliças nas praças, lambarices nas lojas, eis os primeiros degraus do calvário que estas crianças, amanhã homens, hão-de necessariamente subir. Calvário deles. Calvário nosso. Feridas tão fundas, que tendo sido feitas na rua, de coisas pequeninas, por almas pequeninas, levam um ror de tempo e são difíceis de curar. Nós somos testemunha. Nós lidamos com eles. Nós sofremos por eles. Nós não nos atrevemos a pôr a mão no lume por nenhum deles, apesar de muitos estarem a dar provas animadoras no Comércio e na Indústria do Porto. Nem por isso podemos afirmar aos Patrões que têm ao seu serviço Rapazes de inteira confiança. Oh dor! Dor minha.

D. Amín. 5!

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

sem conter as lágrimas ao canto dos olhos. Sei dar valor ao vosso sacrifício e de tanta preocupação. Tenho pena de não poder dar uma ajuda maior, mas vivo de metade do ordenado que o meu querido marido recebia. Ele faleceu há 21 anos, era funcionário das Finanças. Os ordenados, nessa altura, eram muito fracos. Por isso, tenho de saber orientar a minha vida para continuar a ser honesta até aos meus últimos dias. Fomos um

casal muito feliz, graças a Deus. Só foi pena não termos filhos. Eu não sou reformada, mas com o pouco que tenho, dou graças a Deus e gosto muito de ajudar quem está pior do que eu. Por isso, mando, agora, este pequeno cheque, mas sempre que me seja possível, irei ajudando a vossa Obra e pedindo ao Pai do Céu que lhes vá dando saúde e força para continuarem.

Uma Assinante».

Benguela

O Povo está com quem mostrar que o ama

CADA vez admiro mais o princípio pedagógico superior e, ao mesmo tempo, simples, de Pai Américo: «Cada freguesia deve cuidar dos seus Pobres». Quem dera assim fosse também nesta Terra. Vejo-os, em grupo ou isoladamente, a andar dum lado para o outro à procura do pão para comer.

Se cada paróquia ou missão, preocupada com os seus movimentos apostólicos, incluisse o cuidado dos Pobres pertencentes à sua Comunidade, como uma das suas prioridades, seria, duma forma visível, a presença do mistério de Deus no meio do Povo. Por outro lado, o Povo está com quem mostrar que o ama. Como seria dignificante o dar as mãos das autoridades civis e religiosas na criação dum centro, onde os mais Pobres pudessem encontrar o mínimo necessário para a sua vida. A Igreja, contudo, não deve esperar. Deve avançar. Jesus Cristo não esperou. Foi sempre à frente, ao encontro dos que mais necessitavam. Deixou-nos a Sua Igreja para fazer o que Ele fez.

Falo deste tema importante, porque, todos os sábados, em especial, uma fila de Pobres vem buscar uma mão cheia de farinha

para a refeição da noite. Experimento o sabor muito amargo da miséria que desejava ajudar a curar na raiz, a partir da própria Comunidade paroquial, donde saem. Vemo-nos aflitos, diante da nossa incapacidade financeira, para enfrentar, sozinhos, o problema sério desta gente. A solução passa por um compromisso comunitário. É chocante a aparente insensibilidade da parte das pessoas mais responsáveis, perante a situação humanamente indigna de tantos membros da Comunidade.

A perseverança neste combate, bem o sabemos, é o segredo da vitória. Pode vir ainda longe. É a forma de mantermos a nossa vida sempre em tensão para os outros. Deste modo, não nos acomodamos nunca perante situações degradantes que ferem a humanidade do próximo que está em cada um de nós. Que maravilha pedagógica sabermos que a elevação e a salvação das outras pessoas passa pela humanidade que está em cada um de nós! Daqui nasce o compromisso que deve matar a tua indiferença; o teu egoísmo com todas as desculpas que o suportam. Daqui vem o fogo que faz da tua vida uma fogueira de humanidade e

amor, tanto mais intensa quanto mais deres do que és e tens. Acredita! Experimenta!

Na esperança está o nosso seguro. Cada manhã, vejo todos os filhos desta Casa do Gaiato que estão à espera de emprego, como preparação, a curto e médio prazo, para a sua autonomia. Amanhã, mais seis deles vão fazer os testes preparatórios para o ingresso breve no mundo do trabalho. As aflições que vêm de fora e de dentro são o combustível que faz queimar a nossa vida, em serviço fecundo para que todos tenham vida. Precisamos de ter mais vida na nossa agricultura, também. Sem um tractor capaz não conseguimos lavar os nossos campos. Já consegui uma Factura Pro-forma e mandei-a à Administração dum banco que está a operar e a ganhar muito dinheiro em Angola. Tem o pai em Portugal, com muito dinheiro também. Estou à espera. Não desanimarei. Outros bancos, filhos de pais portugueses, descobriram a mina que é o mercado angolano. Estão mesmo à nossa porta. Quero dizer bem deles, por enquanto. E não queria o contrário!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

Falando da Obra do Ex-Pupilo, diz: «É uma Obra essencialmente cristã, consagrada ao Coração de Jesus, o Único que cicatriza as feridas da alma. Cada um dos ex-Pupilos tem obrigação de conhecer e de praticar os preceitos do Decálogo, ser rigoroso consigo mesmo no cumprimento de cada um deles, sabendo que a Moral cristã é dos fortes, baseada na renúncia às solicitações da fraca natureza humana.»

PAI AMÉRICO

Tempo pascal

PRESTES a terminar o tempo pascal na celebração do ano litúrgico, não quero deixar de lado esta oportunidade (como tem acontecido em outros anos) para reflectir naqueles dois versículos do capítulo terceiro da primeira Epístola de S. Pedro que nos são dados como lição breve no ofício de Vésperas em todas as quintas-feiras.

Trata-se de um particípio presente, omissos no texto em vernáculo (é pena!), que exprime a continuidade da acção de Cristo e nos garante a Sua presença constante em todo o processo da nossa Salvação.

É certo que «Cristo morreu uma só vez pelos nossos pecados, o Justo pelos injustos, para nos oferecer a Deus». É certo que «morreu segundo a carne e voltou à vida pelo Espírito; e está à direita de Deus». Mas nesta condição, não está apenas fruindo a Sua glória, aquela que Lhe vem da mortificação sofrida. O Apóstolo acrescenta algo que prolonga, que torna actual em cada momento a Sua acção salvífica: «Cristo está à direita de Deus, **deglutius mortem**» — mastigando, engolindo a morte — «para que nos tornemos herdeiros da vida eterna».

Para Ele basta uma só vez para abrir ao Homem o caminho que conduz a Deus, Seu e nosso Pai; para nos tornar co-herdeiros Seus da vida eterna. A Salvação, porém, totalmente Graça que é, não dispensa o Homem de aceitar livremente como seu, o projecto de vida que Deus Lhe oferece e de Lhe imprimir a sua colaboração.

O caminho está aberto, há que percorrê-lo. Enquanto na carne, é-nos necessário um esforço decidido e continuado para libertar o espírito e deixá-lo ser o motor ao longo deste percurso. A mortificação exigida não se cumpre de uma só vez; é programa para toda a vida. Apesar da meta da Vida posta ao nosso alcance, quantos apetites, por natureza mortais, nos distraem dela e no-la tornam penosa e, às vezes, nos desviam.

O Filho do Homem, antes de o ser, conhecia a fragilidade da nossa natureza; e, depois de o ser, experimentou-a — e como tal, também Lhe repugnou a mortificação: «Pai, se é possível passar sem beber deste cálice...?» Mas bebeu-o. E agora, sabendo quanto são duros de roer os nossos apegos a mortes («a morte é o último inimigo a vencer») — permanece (e permanecerá até ao fim do Tempo) à direita do Pai, «**deglutius mortem**» para nos dar o exemplo e para que nos não sintamos sós neste trabalho de depredadores da morte, até à morte que nos deixará livres para a Vida.

Deglutius — este particípio presente que nos diz da presença do Sujeito, torna-se, por isso: manancial de força para a função de *deglutir* a morte que também nos compete enquanto durar a vida; e fonte de paz, que a proximidade do Seu bafo nos dá experimentar.

Padre Carlos

Momentos

FOI na véspera do 1.º de Maio.

Micra apareceu radiante à Senhora, na cozinha, com uma novidade: — *Amanhã não se trabalha, é dia do trabalhador!*...

Natural de Cacus, Angola, veio com a mãe, em pequenino, para Portugal, fugindo à morte com que a guerra os ameaçava.

Só quem por lá andou poderá compreender as razões do subdesenvolvimento com que aquele ambiente atrofia as pessoas, as estruturas e as sociedades.

Esquivar-se à morte é primário na vida!...

Não há lei que se possa opor nem ninguém que não aplauda o «salve-se quem puder» e como puder, nestas circunstâncias.

De compleição física forte, é alto e espadaúdo. Diríamos, um homenzarrão.

Frequenta, presentemente, uma Escola para fazer o 9.º ano, dado o não ter conseguido na normal carreira escolar, como tantos outros, nesta desordem em que se transformou o clima da maioria das Escolas em Portugal. E a destruição, na juventude, de todos os ideais esforçados e nobres.

O estudo é um grande pesadelo para o nosso jovem e o trabalho o pior dos castigos.

— *Se amanhã não trabalharmos na cozinha, nada teremos para comer.* — Respondeu-lhe a Senhora.

O meu Micra abriu os grandes olhos e, espantado, como quem descobre um mundo novo, escancara a boca negra num rasgado: «Ah!... Ah!...»

Sim, não se foi cortar forragem, nem as oficinas abriram as portas, nem os serventes de pedreiro se agarraram aos martelos, nas obras de destruição que estão a levar a cabo, e ninguém teve aulas; mas, fazer a comida, pôr a mesa, lavar a loiça, fazer a cama e limpezas, pensar o gado e tirar o leite, são tarefas que não têm feriados em nenhuma casa pobre; mais ainda, numa Obra de recuperação de juventude como a nossa.

Se os nossos Rapazes, nada possuindo, não se habituam a combater, para sair da «cepa torta», nunca mais deixarão o estado de extrema pobreza a que parecem estar condenados!...

Os estudantes que levam a sério a sua vida, no desejo objectivo de alcançarem uma carreira,

não aproveitam estes e outros intervalos para estudar?... Rever matéria, apossar-se de conhecimentos?...

Criámos um ambiente cultural burguês, relativamente ao trabalho, que muito tem prejudicado os menos evoluídos, com menor capacidade de discernimento, os quais são, ainda, também na maioria dos casos, os mais pobres.

É arrebatadora e quase irresistível a sedução universal para o desporto e o recreio... Actividades boas e necessárias, mas demasiadamente empoladas, relativamente a outras não menos importantes na vida dos jovens, as quais, por serem muito pouco exaltadas, acabam por parecerem esquecidas, ou marginalizadas, como o trabalho, seja ele de que espécie for...

As tarefas domésticas, por reverterem imediatamente em benefício próprio ou aproximado, tornam-se intuitivas e, assim, mais apelativas à sua execução.

Na mesma linha, por atracção natural, os mais simples trabalhos agrícolas e pecuários.

É pesada a ameaça de morte sobre a pequena agricultura. Em muitas aldeias e vilas, até a de subsistência está em agonia ou já desapareceu e, com ela, os valores que a terra preserva. À medida que a agricultura recua

nos pequenos quintais, a droga avança nas nossas aldeias, lugares e vilas.

Que jamais, nas Casas do Gaiato, se deixe extinguir este pulmão rico de equilíbrio humano que atrai os Rapazes para a natureza pura e nela os envolve!...

A remuneração justa ou mesmo o estímulo de uma grati-

ficação por esforços generosos extras, são meios de incitamento a pôr em prática, com toda a atenção.

Nesta idade e com esta desenvoltura física, torna-se difícil vencer a manifesta aversão ao trabalho, o irreprimível gosto pela brincadeira e a fuga quase inata à responsabilidade.

Padre Acílio